

# A mercantilização do espaço urbano: o cotidiano e a estética na produção da cidade-negócio

Lucas André Penha dos Santos<sup>1</sup>

Bertrand Roger Guillaume Cozic<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo discute as implicações decorrentes da produção capitalista contemporânea na reestruturação espacial das cidades, tendo, como propósito principal, enriquecer a reflexão para a construção de uma cidade plural e emancipada a partir de temas caros à história. Num primeiro momento, discutiu-se a passagem do capital industrial para o capital financeiro, bem como sua relevância para a conjuntura urbana. Posteriormente, dispo de conceitos de *cotidiano* (HELLER, 2008), *estética da mercadoria* (HAUG, 1997) e *cidade-negócio* (CARLOS, 2018a), investigou-se a relação entre a prossecução dos dispositivos urbanos de consumo e a percepção “falseada” das cidades. Constatou-se que a reprodução das estruturas de acumulação e valorização do capital caminham *pari passu* a práticas intransigentes – desposseções, fragmentações, segregações, etc. – de reprodução espacial. Ademais, a continuidade do processo prejudica a apreensão sobre a trajetória das cidades e aprofunda movimentos que visam torná-la estranha aos seus próprios habitantes.

**Palavras-chave:** Reestruturação espacial; Estética da mercadoria; Cidade-negócio.

## Introdução

A crise econômica de 2008 esboçou – ainda que em um tom de consequência – a alteração do padrão da lógica de acumulação do capital, expressa através da introdução da ótica rentista no palco das relações econômicas globais. Fato é que, mais do que orientar o trabalho para a (re) produção do valor de troca – movimento já obedecido pelo capital industrial –, o capital financeiro estreia novas formas de investimento e valorização, acabando por amplificar a capilaridade do lucro uma vez que adota o caráter especulativo como sua estrutura e/ou base de atuação (ANTUNES, 2015, 2018; POCHMANN, 2016).

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: llucasandre.94@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: bertrand.cozic@ufpe.br

De tal modo, a postura rentista do capital financeiro posiciona-se no sentido de uma espécie de recondição e manutenção do *sistema sociometabólico*<sup>3</sup> do capital (MESZÁROS, 2002), dando brecha a inéditas relações – e condições – de trabalho, e, de modo mais representativo, inaugurando uma nova centralidade na/da classe trabalhadora: da classe trabalhadora *produtora* para a classe trabalhadora *realizadora* de valor (MOREIRA, 2016).

Em termos processuais, a expansão do capital financeiro foi inicialmente caracterizada pelo desequilíbrio, desregulação e desmonte do setor produtivo industrial – mais notadamente, a área de transformação –, sendo responsável por uma série de alterações na estrutura produtiva das unidades fabris<sup>4</sup>.

Destarte, se antes a industrialização consolidou-se e expandiu-se a partir da subordinação de um conjunto de forças produtivas à lógica do capital industrial, agora, uma vez dependente do rentismo, há uma inversão do arranjo relacional produção-consumo, onde, frente à estrutura financeira, “A subordinação do capital industrial intrafrações da classe dominante evidencia o seu esvaziamento enquanto capacidade de dirigir o processo de acumulação [...]” (POCHMANN, 2016, p.41). Com um tom de síntese, Moreira (2016, p.117) complementa:

O valor vem do trabalho abstrato desenvolvido pelo operariado na fábrica e realizado pelo operariado do comércio e serviços na totalidade global da sociedade. A volatilização rentista refaz o percurso. Dá-lhe nova tonalidade. A centralidade fabril dá lugar à centralidade do consumo. A fonte e a forma até então uniformizadas do excedente se pluralizam. A unicidade industrial se quebra no duplo circuito do consumo da acumulação rentista. O universo do mais-valor dá lugar às fontes e formas mais polissêmicas do lucro capitalista.

---

<sup>3</sup> O “*sistema sociometabólico do capital*” ou “*sociometabolismo do capital*”, no entender de Meszáros (2002), compreende uma espécie de estruturação, sempre mutante, que contém, em seu funcionamento, a organização e o controle dos componentes essenciais – capital, trabalho (assalariado) e Estado – da sociedade.

<sup>4</sup> Especificamente sobre a conjuntura brasileira no processo, a inserção país ao capital financeiro teve início nos anos 90 e foi caracterizada, dentre outros aspectos, pela adoção desmedida à privatização, pela perda de direitos e seguridades por parte da classe trabalhadora – situação expressa pelo crescimento dos índices de terceirização – e por uma abrupta e intransigente abertura comercial, marcada por uma política econômica externa avessa às realidades, dinâmicas e contextos singulares do país. Uma vista integral do processo pode ser encontrada em Alves (2007), Bresser-Pereira (2016, 2018), Cano (2008) e Oliveira (2003).

A primazia e expansão do capital financeiro no contexto urbano se torna concreta na medida em que a modificação dos referenciais e dos critérios de acumulação e valorização do sistema capitalista – no caso específico da relação entre o capital industrial e o capital financeiro – não se encerra com a alteração da atividade produtiva de ramos econômicos pontuais (como, por exemplo, a já citada indústria de transformação).

## **Metodologia**

Inicialmente, uma vez que o presente artigo tem o objetivo principal de enriquecer a reflexão para a construção de uma cidade plural e emancipada, a partir de conceitos caros à história, sua construção admitiu um caráter interdisciplinar. A escolha deu-se não só pelo desejo de destacar a capilaridade e a importância da comunicação entre áreas diversas das ciências humanas, mas, também, se foi necessária dada a complexidade teórica do tema proposto.

De forma específica, feita a menção – desde seu título – à temáticas como o cotidiano, a mercadoria e a produção da cidade, julgou-se necessário articular as discussões do estudo às seguintes áreas: economia política, filosofia, geografia e sociologia urbana.

Num primeiro momento, através de uma breve introdução e com o intuito de aproximar, já nas primeiras linhas, a temática às áreas brevemente destacadas acima, discutiu-se a passagem do capital industrial para o capital financeiro, bem como sua relevância para a conjuntura urbana. A etapa contou com uma revisão bibliográfica onde tiveram destaque obras que versam sobre a evolução dos processos econômicos de financeirização *pari passu* ao esmorecimento do capital industrial.

Posteriormente, dispondo dos conceitos de *cotidiano* (HELLER, 2008), *estética da mercadoria* (HAUG, 1997) e *cidade-negócio* (CARLOS, 2018a), investigou-se a relação entre a prossecução dos dispositivos urbanos de consumo e a percepção “falseada” das cidades.

## Resultados e discussão

A vinculação estabelecida entre a adoção de novas alternativas de valorização e inauditos – porque incessantes e inéditos – processos de reestruturação do espaço (CASTELLS, 2020; SENNETT, 2018, 2019; SOUZA, 2020) é reconhecida de forma inexorável por áreas como a geografia, a arquitetura e a sociologia urbana.

Em grande parte, tal aceitação encontra-se fundamentada na chamada *produção capitalista do espaço*, que, por sua vez, transparece não só a interferência dos dispositivos mais atualizados do capitalismo sobre o urbano, mas também sinaliza o *modus operandi* dos principais agentes hegemônicos envolvidos no fenômeno da reestruturação – concreta - dos espaços da cidade<sup>5</sup>.

Uma vez explicitada a modificação dos padrões de acumulação, valorização e reestruturação do capital e fundamentadas as propriedades gerais da produção espacial na atualidade, é necessária uma reflexão específica acerca da produção capitalista da cidade, afim de enriquecer o entendimento das consequências concernentes ao movimento da realização do valor em aspectos caros à pluralidade e à emancipação do espaço urbano. Nesse sentido, reconhecendo que o estudo urbano exige o imperativo do cotidiano (BITOUN, 1994), torna-se essencial desvelar os processos de falseamento atinentes à mercantilização da cidade, tratados a partir de uma perspectiva relacional entre a mesma – obviamente, mercantilizada – e os seus habitantes.

Heller (2008), no seu clássico intitulado “*O cotidiano e a história*”, reconheceu a vida cotidiana enquanto a instância da realização do homem “inteiro”, onde o mesmo participa

“[...] com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades

---

<sup>5</sup> Aqui, faz-se necessária uma elucidação: a relação entre o capital financeiro e a produção capitalista do espaço nem sempre exige uma reestruturação concreta e “automática”/“obrigatória” dos espaços da cidade. Atualmente, apesar da produção de espaços diferenciados no urbano – em geral, aqueles voltados à realização do lucro, como as grandes redes de hipermercados, os ostensivos condomínios fechados e os *shopping centers* – figurar enquanto uma espécie de indicativo do caráter rentista-especulativo, a mesma deve ser apreendida de forma sintomática e não como um parâmetro adjetivador cabal. O que a dada ambiguidade exprime, com certeza, é a complexidade dos movimentos e articulações que se processam na supracitada produção capitalista do espaço. Para uma análise específica do processo, recomendam-se os estudos de Fix (2011), Klink e Souza (2017) e Spósito (2001, 2006).

manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias” (*Ibidem*, 2008, p.26).

Diante de tal ótica, apenas a esfera singular do cotidiano seria capaz de autorizar o desvelamento de todos os aspectos da relação dialética de uma dada população para com o seu respectivo lugar (NÓBREGA, 2017), daí a emergência de aproximar o conceito à análise dos complexos rearranjos da cidade-negócio.

Para Carlos (2018a, 2018b), a cidade-negócio aglutina e potencializa, no processo de reprodução de seus espaços, fenômenos – e consequências – elucidativos da forma de inserção mais refinada do capitalismo no contexto socioespacial do urbano. Tal conclusão baseia-se no reconhecimento de que, uma vez concentradora de práticas que se efetivam pela e para consagração do lucro e do valor de troca – logo, admitindo uma postura de estranheza frente a quadros emblemáticos<sup>6</sup> de um urbano democrático –, a cidade adquire uma conotação de um negócio, de uma mercadoria, de algo a ser comprado e vendido, e não desfrutado, vivido (ARANTES, VAINER e MARICATO, 2013).

Em grande parte, o contexto de subversão na produção do espaço apoia-se na ação de dispositivos complexos de falseamento e manipulação, concretizados na oferta de mercadorias prenes de aparências artificialmente<sup>7</sup> produzidas. Adicionalmente, Lukács (2018) reconheceu que a subversão dos valores de uso pelos valores de troca, na sociedade capitalista, é quase que emblematicamente representada pela perpetuação e pelo aumento do poder de alienação da mercadoria sobre as formas de socialização e de consumo. Para o autor, estrutura da mercadoria possui uma “objetividade fantasmagórica”, que encobre e/ou maquia qualquer indício de sua conduta perversa.

Ao passo que Heller (2008) já alertara que “Quanto maior for a alienação produzida pela estrutura econômica de uma dada sociedade, tanto mais a vida cotidiana irradiará sua própria alienação para as demais esferas” (p.50), a valorização desmedida das formas de consumo através de quaisquer dispositivos – desde que destinados à

---

<sup>6</sup> Destacam-se aqui todas as formas que reivindicam o direito à cidade e a justiça espacial. Formas estas, efetivadas na luta pelo acesso e o usufruto da cidade enquanto um espaço de encontro dos diferentes, de práticas democráticas pautadas na pluralidade, e não em um espaço quem suas condições de acessibilidade mediadas pelo dinheiro e pelo consumo (PÁDUA, 2017).

<sup>7</sup> No sentido de serem estratégicas.

apreciação da forma-mercadoria –, indicará a eficácia das estratégias manipulativas e a solidez constitutiva da cidade-negócio.

Caminhando no sentido do desmascaramento das estratégias manipulativas mediadas pela mercadoria, Haug (1997) reflete sobre a *estética da mercadoria* afim de estabelecer uma crítica aos instrumentos de valorização capitalista. Concomitantemente, ao refletir sobre a construção de formas de representação distorcidas, o autor funda o conceito de *tecnocracia da sensualidade* como sendo “[...] o domínio das pessoas exercido em virtude de sua fascinação pelas aparências artificiais tecnicamente produzidas” (*Ibidem*, p.67); pessoas essas que, tendo seu aspecto sensível (sua subjetividade) dominado através de uma fascinação pelo semblante que a mercadoria carrega consigo, só passam a se reconhecerem – e a serem reconhecidas – a partir da consagração de valores economicamente funcionais.

Mais do que anunciar contendas conhecidas<sup>8</sup>, o conceito de *estética da mercadoria* possibilita a crítica da aparência – ou seja, daquilo tal como o é, e não daquilo que é mostrado/oferecido – uma vez que possibilita a compreensão da *manifestação* da mercadoria, expondo o movimento geral de valorização. Assim, uma vez municiadas pelo dado conceito, a crítica e a luta pela conquista de condições de uma sociabilidade democrática e horizontal ganham novo fôlego e fundam uma perspectiva de atuação diferenciada.

## **Conclusões**

Constatou-se que a reprodução e, conseqüente evolução, das estruturas de acumulação e valorização do capital – ritmadas, agora, pelo capital de cunho financeiro-rentista – caminham *pari passu* a práticas intransigentes de reprodução socioespacial. Ademais, a continuidade do processo prejudica a apreensão sobre a trajetória das cidades e aprofunda a prossecução de mecanismos que visam torná-la estranha à pluralidade social e democrática – estabelecida em concretude por meio do acesso indiferenciado aos espaços – de seus habitantes.

---

<sup>8</sup> Valor de troca X valor de uso; aparência X essência, etc.

Ainda, concluiu-se que os conceitos de *estética da mercadoria* e *cotidiano* convertem-se em frutíferos artifícios de análise da conjuntura urbana, haja vista suas potencialidades de reconhecimento – enquanto apreensão – e exposição – enquanto crítica – de quaisquer movimentos despóticos atuantes sobre a cidade.

## Referências

ALVES, Giovanni. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. Londrina: Práxis; Bauru; Canal, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARANTES, O; VAINER, C; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BITOUN, Jan. Recife: uma interpretação geográfica. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Os Caminhos da Reflexão Sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **A construção política do Brasil**: sociedade, economia e Estado desde a independência. São Paulo: Editora 34, 2016.

\_\_\_\_\_. **Globalização e competição**: por que alguns países emergentes têm sucesso e outros não? Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

CANO, Wilson. **Desconcentração produtiva regional do Brasil 1970-2005**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2018b.

\_\_\_\_\_. A tragédia urbana. In: CARLOS, A. F. A.; VOLOCHKO, D.; ALVAREZ, I. P. **A cidade como negócio**. São Paulo: Contexto, 2018a.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FIX, Mariana de Azevedo Barretto. **Financeirização e transformações recentes no circuito imobiliário no Brasil**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico. Universidade Estadual de Campinas, 2011.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KLINK, Jeroen; SOUZA, Marcos Barcellos de. **Financeirização: conceitos, experiências e a relevância para o campo do planejamento urbano brasileiro**. Cad. Metrop., São Paulo, v. 19, n. 39, pp. 379-406, maio/ago 2017.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MESZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MOREIRA, Ruy. **A Geografia do Espaço-Mundo: conflitos e separações no espaço do capital**. Rio de Janeiro: Consequência, 2016.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. **Leituras sobre o cotidiano, a cotidianidade e a centralidade do estudo da vida cotidiana na reprodução do urbano**. Revista Rural & Urbano, Recife. v. 02, n. 02, p.26-46, 2017.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à Razão Dualista/ O Ornitorrinco**. Boitempo: São Paulo, 2003.

PÁDUA, Rafael Faleiros de. Lutas urbanas, cotidiano e emancipação. In: CARLOS, A. F. A; ALVES, G. PÁDUA, R. F. de. (Orgs.). **Justiça espacial e o direito à cidade**. São Paulo: Contexto, 2017.

POCHMANN, Márcio. **Brasil sem industrialização: a herança renunciada**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2019.



\_\_\_\_\_. **Construir e habitar:** ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média.** Presidente Prudente: Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo das cidades médias no mundo contemporâneo.** Cidades, Presidente Prudente, v. 3, n. 5, 2006.